

SOBRE O METACAPITAL COMO PROCESSO DE REFERÊNCIA: BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DE UMA PESQUISA EM COMUNICAÇÃO

Rafael Drumond¹

RESUMO:

Este artigo toma como objeto de análise o *capital teórico* construído por uma atividade de metapesquisa na área de Comunicação Social. Como membro da equipe, discuto a formação de uma espécie de *metacapital* por parte dos pesquisadores (capital aplicado na busca de outro capital), condição necessária à prospecção conceitual da temática analisada (*interações midiaticizadas*). Problematizo, assim, a adoção de perspectivas estruturantes sobre as análises empreendidas pela investigação. Para tanto, parto de dois eixos reflexivos: (1) recuperação de fragmentos do percurso teórico-metodológico executado pelo grupo, registrado através da memória de diversos modelos de mapeamento; (2) reflexão sobre a construção de um metacapital balizado pelos estudos seminais do Professor Doutor José Luiz Braga

Palavras-Chave: *Interações Midiaticizadas; Metapesquisa; Capital Teórico; Metacapital; Midiaticização*

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Bolsista CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

*Caminante!
No hay caminos.
Se hace el camino al andar.*

Apresentando a Metapesquisa

Este artigo toma como objeto de análise a execução da primeira fase da metapesquisa “Construção do capital teórico sobre o conceito de interações midiáticas nos artigos apresentados a Compôs² durante a primeira década de 2000”³, financiada pelo Fundo de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG).

Tal investigação originou-se a partir de inquietações do grupo de pesquisa acerca da constituição do campo comunicacional. Partíamos, assim, da hipótese de que a *midiatização* e as *interações midiáticas*⁴ estavam assumindo certa centralidade no que tange a organização teórica, empírica e metodológica da área.

Nessa medida, o encontro anual da Compôs de 2011, sediado em Porto Alegre, desempenhou um papel preponderante sobre as bases teórico-metodológicas da pesquisa. Afinal, naquele ano, a Associação dos Programas de Pós-Graduação completava 20 anos de fundação, o que promoveu, no contexto de cada Grupo de Trabalho (GT), um debate sobre as diretrizes do evento – a saber, o fortalecimento da interlocução entre os diversos programas da área, assim como das discussões acerca da consolidação da Comunicação enquanto campo de estudos.

² Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação.

³ Trabalho de pesquisa desenvolvido pelo Grupo “Campo comunicacional e suas Interfaces”, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (FCA/PUC-Minas), coordenado pela Professora Doutora Maria Ângela Mattos. Trata-se de uma metainvestigação que, a partir de técnicas quantitativas e qualitativas, objetiva, nos artigos supradados da Compôs, mapear e analisar comparativamente teorias, conceitos e noções estruturantes relativos ao fenômeno das interações midiáticas. Objetiva-se ainda identificar e qualificar as principais interfaces teórico-metodológicas que fundamentam os estudos sobre as interações midiáticas, assim como averiguar a contribuição da literatura que aborda a temática em questão para a autonomia epistemológica do campo científico da Comunicação Social.

⁴ Um dos objetivos da pesquisa é a busca de elementos que qualifiquem o capital teórico produzido acerca do conceito de *interações midiáticas*. De forma genérica, entendemos tais interações como aquelas que se dão *sobre* ou *a partir* dos *media*, marcadas por lógicas e fluxos midiáticos em contextos sociais tomados em suas processualidades amplas. De acordo com Braga (2006), tais interações relacionam-se a dois âmbitos sociais: “No primeiro, são tratados processos sociais específicos que passam a se desenvolver (inteira ou parcialmente) segundo lógicas da mídia. Aqui, pode-se falar em mediatização da instância da política, do entretenimento, da aprendizagem. Já em nível macro, trata-se da mediatização da própria sociedade.” (BRAGA, 2006, p.1).

O debate travado naquela ocasião referia-se, sobretudo, à necessidade de reflexão sobre os paradigmas, teorias e metodologias predominantes na área, visando encontrar respostas para uma série de incertezas que permaneciam ainda não bem solucionadas: Qual a natureza do campo comunicacional? Seria este interdisciplinar, transdisciplinar ou de interfaces? Quais os paradigmas dominantes na área? Quais objetos de estudos lhe são próprios? Em conjunto essas questões diziam respeito a uma pergunta nuclear para a definição do campo: Qual a especificidade do olhar comunicacional que o legitimaria enquanto ramo especializado do saber, diferenciando-o dos demais campos de estudos das Ciências Humanas e Sociais? (MATTOS; VILLAÇA, 2012, p.25).

Ainda nesse âmbito, a virada do século marcou os dez anos do florescimento de um debate epistemológico que resultou em importantes matrizes teórico-conceituais do pensamento comunicacional brasileiro (no caso, relacionadas à midiaticização e às interações midiaticizadas). Nessa medida, optamos pela análise que abarcasse o primeiro decênio dos anos 2000 e que envolvesse a produção científica publicada junto a Compós, tendo em vista não somente à qualidade da interlocução promovida neste espaço, mas a própria vocação da Associação no que se refere às reflexões acerca da constituição do campo comunicacional.

Nessa medida, reporto que, na etapa inicial do projeto, o grupo de pesquisadores engajados na iniciativa distribuiu-se na leitura de um universo de 1197 artigos, dentre os quais foram selecionados aqueles que discorriam sobre o conceito de interações midiaticizadas (271 artigos) – de forma central ou periférica, e ainda, de maneira transversal, porém, significativa. O grau de protagonismo das discussões sobre as interações midiaticizadas, assim como o uso explícito de tal terminologia, gerou um critério básico de filtragem (*parâmetro*), no qual os trabalhos foram categorizados em quatro possibilidades distintas: (1) aqueles que abordam o fenômeno e utilizam a expressão *interação(ões) midiaticizada(s)*; (2) aqueles que abordam o fenômeno sem denominá-lo de tal forma; (3) aqueles que utilizam a expressão, mas não adotam perspectivas teóricas ou fenomênicas sobre essas interações; (4) aqueles que não tratam diretamente do tema, mas oferecem aportes teórico-metodológicos capazes de inscrevê-lo.

Além dos parâmetros, os artigos foram submetidos a uma análise voltada para sondagem de especificidades quanto às abordagens de seus autores (*tipologias*). Esse levantamento partiu de um roteiro que buscou identificar os seguintes elementos: lógica de acionamento da interação (partindo da mídia, dos atores sociais, fluxos recíprocos ou fatores aleatórios); suporte empírico da interação (mídias massivas, digitais, redes comunitárias, espaço público e urbano, situações de copresença e outros); concepção interacional (alternada/recíproca, diferida/difusa ou outra) e origem dos aportes teóricos (Sociologia, Antropologia, Economia, Linguística, Comunicacional, Política, transdisciplinar e outras).

Além disso, o modelo de mapeamento conta com um campo de identificação do trabalho (título, autor/instituição, resumo e palavras-chave) e outro para qualificação da natureza da problematização (teórica, empírica ou ambas). As referências bibliográficas que fundamentam a concepção interacional dos autores são transcritas, assim como denominações/conceituações correlatas ao fenômeno tematizado (*glossário*). Por fim, um campo aberto (*Memos*) encontra-se reservado para anotações quaisquer dos pesquisadores, que variam desde uma síntese identificadora do artigo até uma análise preliminar do mesmo.

A Metaproblemática

No início da investigação, tendo em vista à incipiência da aproximação entre o grupo e seu objeto de estudo, o roteiro acima descrito apresentava, sobretudo, campos abertos, através dos quais os pesquisadores interpelavam qualitativamente os artigos selecionados. A partir de encontros voltados para problematização das atividades de mapeamento, esse processo desdobrou-se na definição das tipologias supracitadas, assim como na consolidação/harmonização das diretrizes analíticas adotadas entre os participantes da pesquisa⁵. Nesse percurso, evoluímos do modelo aberto de mapeamento para um roteiro mais complexo, constituído por questões fechadas (dotadas de alternativas), porém flexíveis (capazes de abarcar a eventualidade de tudo aquilo que parecesse novo e inesperado).

Deve-se, então, pontuar que, nesse momento embrionário, a liberdade dos campos abertos evidenciava o tateamento preliminar de um objeto sensível a generalizações impróprias. O percurso tentativo que orientou as possibilidades de roteirização, testadas em sua aplicabilidade, gerou frustrações pelos palpites descartados, assim como, pela contrapartida do êxito, cada alternativa assentida ancorava-se em práticas de deliberação que certificavam a viabilidade e o significado das proposituras. Não se trata, contudo, de reduzir ou domar a potência semiológica de um fenômeno comunicacional que se manifesta de forma *diferida* e *difusa*⁶ (BRAGA, 2000), mas de reconhecer que, diante da necessidade instrumental da

⁵ Essa dinâmica foi articulada de forma particularmente satisfatória a partir das atividades de leitura e discussão de textos referenciais para compreensão dos fenômenos interacionais e mediados, realizadas através do procedimento que denominamos de *Seminários Conceituais*.

⁶ Braga (2000) adota uma concepção de *Interatividade Social Mediática Ampla*, segundo a qual o autor propõe um modelo interacional estruturado em características/lógicas próprias aos processos mediados. Nesse sentido, destacam-se as seguintes configurações: (1) produção objetivada e durável (pelos *media*); (2) interação ampla e extensiva a diversos processos sociais; (3) interações para além do imediatismo dos regimes conversacionais; (4) interação diferida e difusa, no tempo e no espaço.

organização de dados, optamos pela criação de parâmetros e tipologias que categorizassem um número expressivo de empirias e as mais diversas perspectivas de teorização.

Assim, para nós que, no trato dessas informações fomos tensionados entre o *ser exclusivo* de alternativas e o *ser inclusivo* dos materiais analisados, colocou-se como necessidade, dentro de uma proposta de análise de construção de capital teórico, uma atividade cujo produto foi, não por coincidência, a construção de outro capital teórico (nesse segundo caso, por parte do grupo). Quando um conceito pesquisado, tal como o nosso, confunde-se com o próprio objeto do campo comunicacional – em seu sentido *lato*, de objeto fundador de um campo específico e autônomo do conhecimento –, a formação de um entendimento sobre seu(s) contexto(s) de significação torna-se condição para o olhar investigativo; um olhar que, mesmo fagocitário quanto a contribuições pertinentes e inesperadas, estivesse apto a gerar pontos de localização frente à torrente epistemológica que elevamos ao plano da análise.

A partir dessa reflexão, desenho os dois principais objetivos deste artigo: (1) analisar a construção, por parte do nosso grupo de pesquisa, do capital teórico acerca do conceito de interações midiáticas. Nesse caso, tomam-se os modelos de mapeamento utilizados (cerca de 10) como registro, rastro e evidência desse processo de modelação conceitual. (2) Discutir, de forma autocrítica, a reverberação desse capital na escolha dos vetores analíticos que, por sua vez, atuarão de forma relacional e determinante sobre os resultados obtidos pela investigação (em função do caráter modalizador da metodologia bibliográfica). Por essa entrada, a discussão orbita, sobretudo, em torno dos aportes oriundos da principal referência do grupo (José Luiz Braga).

Capitalizando

Parto agora para um estudo de caso desenvolvido a partir da reflexão sobre os diversos modelos de mapeamento adotados pela pesquisa ao longo de mais de um ano de trabalho. De maneira geral, conforme já colocado, nota-se um processo de estruturação conceitual por parte do grupo, evidenciado pela construção de um roteiro que, partindo da condição virgem dos campos abertos, culminou na formalização de um corpo sistematizado de possíveis informações sobre o fenômeno investigado.

Nesse caminho, constatamos que, no que tange às tipologias interacionais, isto é, aos caracteres específicos das interações midiáticas, o sucesso das categorias pragmáticas de

análise foi diretamente proporcional ao fracasso das tentativas de taxonomização de algumas complexidades teóricas.

No primeiro sentido, destaca-se a funcionalidade de operadores que, pelo simples exercício de inferência do objeto empírico – muitas vezes, destacável já no título ou no resumo do trabalho – permitiram a definição de certa abordagem tipológica do autor, como, por exemplo, o *suporte interacional*. De forma menos óbvia, mas ainda assim, facilmente identificável, a *lógica acionadora da interação* aclarou-se a partir de uma orientação que, mesmo não explicitada pela simples escolha do objeto, dificilmente tornava-se ambígua no interior de uma argumentação.

Já na terceira tipologia (*identificação da concepção interacional do autor*), percebe-se, por parte do grupo, uma estratégia que confirma o apontamento sobre a dificuldade técnica em enquadrar, sistematicamente, posições teóricas complexas. Nesse sentido, o item mais discutido ao longo da pesquisa (refutado e reafirmado por diversas angulações) resultou em um modelo binário de enquadramento, simples e incompleto, que pendula entre apenas duas perspectivas interacionais.

Entretanto, em desfavor da própria crítica, coloco que a contraposição de apenas duas referências não deve ser lida (apenas) como indício de insuficiência, mas também como uma estratégia através da qual o grupo testa a si mesmo, enquanto se prepara para a próxima etapa do projeto (através do elencamento de outras perspectivas). Essa tipologia inscreve-se, nesse mapeamento, como um campo semiaberto através do qual se avalia a articulação – para nós, seminal – entre a axiologia conversacional de Thompson⁷ (2002; 2008) e a interacionalidade ampla de Braga (2000; 2006); assomada, ainda, à emergência bem vinda e necessária das abordagens que extrapolam – ou simplesmente não se encaixam – nos autores mencionados. Esperamos que, pelo exercício da leitura crítica e atenta dos participantes da investigação, outras contribuições possam ser recolhidas, sendo essas capazes de, na segunda fase da pesquisa, qualificar e ampliar o entendimento do grupo sobre o conceito de interações mediatizadas (em sua dupla dimensão: enquanto metacapital de referência e técnica prospectiva, assim como capital teórico produzido pelo campo através dos articulistas da Compós).

⁷ Por axiologia interacional de Thompson, refiro-me à visada interacional do autor que toma, como modelo de interação plena, as formas que se dão com base na situação conversacional, direta e dialógica (interação alternada-recíproca).

Ainda dentro de uma análise reflexiva sobre a dificuldade da adoção de complexidades teóricas como chave de sistematização, reporto o caso Landowski (2008), autor caro ao objeto dessa pesquisa, mas que, em função de seu *refinamento conceitual*, não foi capaz de abarcar, de forma *sui generis*, olhares e contribuições de outros autores. Não se trata, vale pontuar, de dizer que o pensamento de Landowski seja hermético ou inaplicável, uma vez que, o próprio autor advoga em prol da flexibilidade dos modelos interpretativos capazes de sondar as relações sociais que se dão em circuitos mediatizados. O que se revelou falho não foi, em absoluto, o pensamento do autor em si, mas a utilização das suas modalidades de *regimes de interação*⁸ como um critério de sistematização tipológica. Nesse caso, a conversão de uma propositura teórica em um operador metodológico opacizou a aplicação do roteiro de mapeamento, tanto pela adoção de um olhar importado (o de Landowski) para analisar uma produção articulada a partir de lugares outros de enunciação (os artigos e suas distintas culturas de GT's), quanto pela hermenêutica dos pesquisadores, que, na ausência de marcas claras que apontassem equivalências entre a diegese dos artigos e a exegese das tipologias, executavam práticas de duvidosas traduções.

Em certa medida, a inaplicabilidade metodológica de Landowski deriva-se da própria amplitude do objeto das interações mediatizadas, cuja complexidade dificulta certas migrações conceituais. Por outra, conforme coloca o próprio autor, sua proposta de análise constitui

(...) a sintaxe geral da interação, rede de configurações interconectadas, deixando aberta a possibilidade de idas e voltas, de bruscas metamorfoses ou passagens gradativas, superposições ou inclusões da maior diversidade possível de interações mediatizadas. (LANDOWSKI *apud* MATTOS; VILLAÇA, 2011, p.9).

Por esse viés, a *mutabilidade* dos regimes interacionais determina uma situação de incerteza que ultrapassa, nessa primeira fase da metapesquisa, o objetivo firmado quanto ao levantamento sistematizável de informações. Importante notar que tal dinamismo ocorre até mesmo em interações estabelecidas *com* ou *a partir de* suportes idênticos, já que, o fator de

⁸ São eles: 1) *Junção*: interação regida pela busca de adaptação unilateral entre um sujeito e um parceiro, ou seja, interação identificada com a manipulação; 2) *União*: interação regida pela descoberta, no ato comunicacional, por definição mútua, entre as respectivas sensibilidades dos sujeitos envolvidos no processo comunicacional; 3) *Programação*: interação programada, regida por constrangimentos de ordem social ou psicológica, explícitos ou não, sob a forma de regras ou hábitos, de rituais, ou de simples manias pessoais; 4) *Assentimento*: interação assentada no regime de aceitação, resignada ou entusiasta, ou até mesmo da busca do encontro acidental do evento comunicacional, o que permite se não controlar os processos interacionais, no mínimo ter uma ideia da posição e da identidade dentro dele enquanto esfera existencial. (LANDOWSKI, 2008).

variação reside, sobretudo, na lógica plural dos usos e apropriações midiáticas (como frisa, com pertinência, a quase totalidade dos trabalhos apresentados ao GT de Recepção).

Por fim, evidencio a última tipologia firmada pelo grupo, responsável em sondar e elencar os principais aportes teóricos utilizados pelos autores da Compós em suas argumentações e análises. Como previsto pela potência interdisciplinar do campo comunicacional, nota-se que esses aportes, ou campos interfaciais, não só se encontram presentes na quase totalidade dos trabalhos integralizados ao *corpus* da análise, como também, na maior parte destes, verifica-se articulações que buscam conjugar mais de uma fonte extracomunicacional. Tal apontamento reafirma o caráter polivalente dos fenômenos relativos às interações midiáticas, assim como a vocação transdisciplinar do nosso campo. Além disso, conforme aponta Braga (2006), enquanto processo interacional de referência, é sob a amálgama da “mediatização”⁹ que se operam, candentemente, as relações sociais e os fazeres culturais contemporâneos; o que, de fato, implica em um protagonismo das problemáticas comunicacionais nos diversos campos das Ciências Humanas e Sociais.

Em outra medida, torna-se evidente, a partir da mencionada amplitude interfacial, a instabilidade dos limites que circunscrevem o objeto da metapesquisa dentre a totalidade dos objetos comunicacionais. Vale pontuar que esta questão agrava-se na medida em que a própria práxis comunicacional, pela ótica científica e epistêmica, formou-se pela emergência de um objeto midiático (surgimento dos meios de comunicação de massa) e por uma urgência analítica voltada aos processos de mediatização (seja para dominá-lo – *funcionalismo norte-americano* –, para compreendê-lo – *interacionismo simbólico* – ou para criticá-lo – *frankfurtianismo*). Além da origem midiacentrista, os anos subsequentes revelaram um encontro, fértil e confortável pelo viés da empiria, que acabou estabelecendo a fundação da autonomia e da particularidade comunicacional sob a égide dos estudos relativos à dimensão técnica, simbólica e sociocultural dos *media*. Esse fechamento aproxima-se, de maneira nuclear, da discussão proposta pelo fenômeno aqui definido como interações midiáticas, o

⁹ Braga (2001) adota a denominação *mediatização*, relativa à sociedade mediática (e não mediatização, sociedade midiática), no intento de “(...) evitar atribuir à Mídia a determinação exclusiva de tal situação, e para enfatizar antes os modos como a Sociedade gera e direciona a Mídia” (BRAGA, 2001, P.2). Apesar de concordar com a pertinência da distinção proposta, utilizo, no decorrer desta argumentação, as expressões mediatizadas/mediatização como referência ao mesmo processo destacado pelo autor. Opto pela segunda grafia tendo em vista o caráter corrente dessa denominação.

que, em muito, explica a relativa confusão entre a praxiologia comunicacional ampla e aquela à qual prestamos esforços investigativos¹⁰.

Ainda com relação à discussão travada sobre o objeto comunicacional e suas interfaces, destaco uma questão que, nos debates do grupo, ganhou expressividade a partir do dissenso promovido (e não dirimido) entre os pesquisadores: a Comunicação enquanto aporte. Na época em que tal tipologia foi proposta, defendi que a Comunicação era um campo central a partir do qual outras contribuições eram articuladas, e não um afluente epistêmico. Por essa perspectiva, penso que a condição de aporte subjuga o patrimônio cognitivo que estamos construindo, na medida em que, ao parametrá-lo no mesmo nível de áreas exógenas ao campo, gera-se um esvaziamento dos objetos analisados no que diz respeito à natureza comunicacional destes. Tendo em vista à origem dos artigos – trabalhos apresentados no âmbito da Compós – pressupõe-se a partida de um lugar comunicacional, e não o acionamento eventual do repertório construído pelo campo. Já os argumentos contrários apontaram a importância da demarcação de um aporte comunicacional como estratégia de reconhecimento do repertório “estritamente” comunicacional, isto é, do capital e da memória teórico-metodológicos que nem sempre são acionados pelos articulistas (justificando, assim, a ênfase nas incidências contrárias).

Caro Capital

Outro exemplo ilustrativo das escolhas metodológicas tomadas pelo grupo pode ser traduzido pelo preterimento, nessa primeira etapa da pesquisa, da sondagem acerca da *dimensão espaço-tempo* das interações midiaticizadas. Tal ponto, a meu ver, incide nevrálgicamente na maneira pela qual, a partir de novas organizações simbólicas e tecnoperceptivas, tais interações veem remodelando a experiência social e subjetiva, além de apontar possíveis pistas para a superação do dualismo Braga x Thompson.

Nessa medida, chegamos a discutir as idéias de *sincronia* e *diacronia* como formas de descrição das interações: no caso do espaço, sincrônicas seriam os processos interacionais que se dão no interior de uma mesma ambiência (conversação sobre a telenovela no ponto de ônibus), ou, pelo contraponto diacrônico, a partir de uma dupla dimensão espacial (falar sobre a

¹⁰ Uma curiosa observação: se por um lado, parece haver uma confusão entre o objeto mais amplo do campo comunicacional e o objeto das interações midiaticizadas, por outro, o percentual de artigos selecionados dentro o universo inicial da pesquisa (22%) revela que a maior parte dos trabalhos apresentados à Compós não aborda, nem contribui para a construção de capital teórico sobre o conceito analisado. Como razão para tal descarte, especulo que, apesar da adoção de empirias inseridas no contexto dos *media*, a maior parte dos articulistas não direciona um *olhar interacional* aos seus objetos.

telenovela pelo telefone). Já quanto ao tempo, sincronicamente, teríamos as interações desenroladas no presente, em geral marcadas pela situação de troca ou uso comunicativo imediato (*chat online*); enquanto, diacrônicas seriam aquelas que se estenderiam temporalmente, de natureza não simultânea (correios eletrônicos).

Insistindo neste ponto da reflexão – que, aqui, atende ao propósito de reconstituição de uma trilha reflexiva provisoriamente abortada pelo grupo – esboço o quadro abaixo. Nele, o intercruzamento das categorias tempo e espaço, com suas possíveis relações de sincronia e diacronia, resultou numa tipologia que, tal como a de Landowski, não se efetivou nos roteiros de mapeamento.

TEMPO	ESPAÇO	DEFINIÇÃO	EXEMPLOS
Sincrônica	Sincrônica	Interações no presente, correntes numa mesma ambiência interacional. Interação alternada-recíproca.	Conversação na rua.
Diacrônica	Sincrônica	Interações estendidas no tempo em uma mesma ambiência interacional.	Grande parte das interações que se dão no ciberespaço, com exceção daquelas em tempo real. (Redes sociais, <i>Blogs</i> , <i>Sites</i>)
Sincrônica	Diacrônica	Interações no presente, estabelecidas a partir de várias ambiências interacionais.	Grande parte das interações que se dão através das mídias massivas. (transmissão televisiva e radiofônica)
Diacrônica	Diacrônica	Descontinuidades temporais e espaciais.	Interação ampla, diferida e difusa. (formação de matrizes culturais, memória, formatos industriais)

Esse raciocínio, dotado de delicada aplicabilidade metodológica, permitiu-nos indagar sobre um ponto que, até a emergência de tal modelo, encontrava-se bastante nebulizado. Afinal, para sincronizar ou diacronizar tempo e espaço são necessários *referentes* diante da multitecitura característica das experiências midiáticas.

Exemplifico: em uma ação cotidiana de assistência de uma telenovela surgem diversos níveis de entendimento das relações tempo e espaço. A família que acompanha à narrativa em conjunto, interage, entre si, de forma sincrônica para ambos os atributos, enquanto em relação

ao conteúdo televisivo, figuram-se certos distanciamentos (por exemplo, essas interações são sincrônicas à exibição da telenovela, mas não a sua produção). Além disso, na espacialidade do lar existe uma contingência entre as vivências familiares e a exibição de imagens televisivas, o que sugere certo sincronismo interacional, enquanto, por outro lado, a espacialidade da televisão evoca distintos campos de ação social e outros mundos da vida. E ainda: toda essa situação comunicativa encontra-se permeada por uma lógica interacional ampla, diferida e difusa, dispersa nos espaços-tempos das sociedades e nos ires-e-vires da história. Esse movimento seria o fomentador das matrizes socioculturais que circunscrevem os mais diversos fazeres humanos, sejam eles da ordem particularizante do cotidiano ou do âmbito estruturante das mídias. Surge, assim, uma dificuldade em adotar, como referência, a situação dos atores envolvidos na interação, uma vez que estes são múltiplos e, não raro, implícitos (entre sujeitos, entre sujeito e mídia, entre sujeito e sociedade midiática, entre mídias, entre mídia e sociedade midiática...).

Outro dificultador diz respeito à dupla dimensão dos *meios*, que variam entre uma *atuação veiculadora* e uma *performatividade tecno-interacional*, o que duplica as possibilidades da leitura espacial dos fenômenos em questão. Nesse caso, percebe-se que, a partir do momento que a interatividade¹¹ torna-se um *input* do próprio meio, sendo ele próprio convertido em ambiência interacional – como o caso da Internet – surge um complicador à análise espacial (na medida em que, pela perspectiva dos *mass media*, os dispositivos atuam mais como veículo do que como mecanismo interacional *per se*). Pondero: não quero traçar nenhuma axiologia interacional a partir de um estatuto *a priori* dos meios, diretriz que, no entendimento do nosso grupo de pesquisa, oblitera a potência das lógicas de usos dos produtos, veículos, suportes, agentes, rotinas e processos midiáticos; porém, o que coloco é a distinção

¹¹ Trabalho com a denominação de interatividade nos termos de Silva (2000) e Frago (2001), que distinguem *interatividade* e *interação*, sendo a primeira uma modalidade específica da segunda (toda interatividade é interação, mas não o contrário). Silva (2000) coloca que a interatividade introduziu uma mudança no esquema clássico da comunicação vertical (*um pra muitos*), permitindo uma mudança no estatuto de receptor a partir do surgimento de dispositivos comunicacionais que operam na base da *intervenção-participação*, o que acarreta mudanças na natureza da mensagem, nos papéis dos emissores e no ecossistema midiático em sua processualidade. Vale pontuar que nem todos os autores trabalham com essa distinção, como é o caso de Braga, que parece tratar de interatividade como potência interacional em seu sentido amplo. Diz ele: “(...) interatividade mediática geral ultrapassa a situação concreta de espaço e tempo em que alguém produz; ou alguém ‘lê’ (usa) um produto; ou alguém reage a um produto; ou alguém age de tal forma a fazer chegar às instâncias produtoras suas reações, etc. Deve-se perceber a interatividade social em uma sociedade de comunicação como um conjunto de todas estas (e outras) ações de tal forma que uma parte significativa das interações em sociedade se desenvolve em consequência e em torno de ‘mensagens’ (proposições, produtos, textos, discursos, etc.) *diferidas no tempo e no espaço*”. (BRAGA, 2000, p.6,7). Para se referir à interatividade nos termos de Silva e Frago, Braga (2006) opta por denominá-la de interatividade estrita ou pontual.

de uma interação que, no caso do ciberespaço, encontra nas possibilidades técnicas e simbólicas do dispositivo um espaço para sincronização de diversas interações, e outro que, pela contrapartida massiva (TV e rádio, por exemplo) não se configuram (ou se configuram com mais raridade) em ambiências interacionais (o que, reafirmo, é bastante diferente de dizer que tais veículos não permitem interação).

Ainda nessa discussão, a partir de uma reflexão que venho desenvolvendo em outro lugar, coloco como as categorias do tempo e do espaço, variáveis de natureza filosófica, mudam de estatuto a partir da inserção da *dimensão virtual* dos meios nas *dinâmicas concretas* da vida, o que, no caso aqui analisado, complexifica a inscrição de espacialidades e temporalidades. Afinal, diante da atual velocidade dos fluxos comunicacionais, o telefone e programa de computador que operam na base do *delay* – ainda que de poucos segundos – perde uma valiosa sincronia quando inseridos, por exemplo, no contexto dos mercados acionários; e ainda, não seriam as interações mediatizadas aquelas que, na contramão das imposições geográficas, parecerem comprimir as espacialidades-mundo em um mesmo sistema aldeizado de contingências espaciais? Dessa forma, como articular manifestações ululantes da atual praxiologia mediatizada, fenômenos que variam entre o diacronismo do instante e a sincronia de milhares de léguas?

Crítica ao Capital

Nessa última parte do artigo, trago à cena algumas reflexões sobre a formação daquele capital teórico que, no começo da argumentação, foi definido como uma espécie de *metacapital*, isto é, capital do capital teórico, referência conceitual adotada pelo grupo visando à viabilidade prospectória de um tema amplo e complexo como as interações mediatizadas. Reafirmo a importância e a inevitabilidade de tal processo para toda pesquisa exploratória, que, por mais elástica que seja, sempre o será a partir de um *lugar* e de um *algo* já entrevisto. Se o conhecimento é produzido a partir da fricção de alteridades, a assunção de um ponto de partida não implica na regência prévia do saber gestado, mas, ao contrário, numa possibilidade crítica de mudança que só encontra sentido de ser a partir do momento em que se considera que há algo a ser mudado.

Nessa medida, avaliando esse capital de partida, esboço alguns questionamentos relacionados à posição solar assumida pelas teorizações de José Luiz Braga no escopo da

metapesquisa. Sem dúvidas, a contribuição desse autor é seminal para o tema que trabalhamos, mas, a meu ver, existe uma pertinência na suspeita aqui levantada. Afinal, a condição protagonística enquanto referência teórica – um quase *a priori* investigativo – pode conduzir nosso trabalho a um indesejado reducionismo (como o de, por exemplo, analisar a construção de capital teórico sobre a concepção interacional de Braga nos artigos da Compós).

Dessa maneira, a par de todas as positivities que fazem do professor José Luiz um dos pensadores mais importantes na área de Comunicação e Educação no Brasil, ressalvo alguns pontos que me parecem passíveis de discussão e análise, uma vez que, por entradas dessa natureza – as da discordância –, o grupo poderá traçar *pontos de (ex) tensionamento* à teoria da mediação proposta pelo teórico. Acredito, assim, que o levanto de suspeitas quanto ao pensamento de Braga complexificará a sistematização do capital teórico prospectado pelo grupo; exercício este que, certamente, apresentará o desafio do rompimento (ainda que provisório) com um confortável elo umbilical – no caso da metapesquisa, as palavras lúcidas que sintetizam, muitas vezes com a competência que nos escapa, as angústias, contradições e complexidades dos processos hodiernos de mediação.

Assim, um primeiro questionamento refere-se à construção, por parte de Braga, de uma macroteoria da mediação, aplicada a um contexto social amplo e genérico, no qual pouco se distingue as peculiaridades de um processo histórico que, tal como ocorre no caso brasileiro, desenrola-se sobre a ambivalência ou o hibridismo típico da modernidade tardia. No artigo seminal *Sobre a “mediação” como processo interacional de referência* (2006)¹², o teórico esboça algumas diferenças entre as dinâmicas dos “países centrais de instauração burguesa” (BRAGA, 2006, p.4) e suas correlatas periferias, mas, ainda sim, constata-se certa insuficiência quanto à alçada socioantropológica da argumentação. Essa situação torna-se problemática em função da obliteração de uma ampla literatura destinada a sondar as especificidades das matrizes culturais brasileiras e latino-americanas, cenário este que redimensiona, no plano da experiência, as pragmáticas interacionais dessas sociedades mediadas.

Ainda nesse mesmo artigo, Braga (2006) propõe que a mediação encontra-se estruturalmente incompleta enquanto processo hegemônico de referência interacional. Nessa medida, o autor aponta seis lacunas (ângulos) que exprimem tal condição, elencadas abaixo.

¹² Deve-se levar em consideração a data de escritura do artigo e os sete anos que o separam do tempo presente. Para um objeto como a mediação, esse período acarreta mudanças significativas para os fenômenos analisados. Dialogo com este texto em função da sua referencialidade para o Grupo de Pesquisa e, sobretudo, pelo capital de base, nele traçado, sobre os estudos da mediação.

Considero que tomar a mediação como um processo incompleto pressupõe uma ideia de completude possível, capaz de orientar, previamente, percursos que, por natureza, inscrevem-se na ordem caótica da acidentalidade.

Discrimino, assim, os seis ângulos que, pela perspectiva de Braga, evidenciam a incompletude dos processos de mediação. Organizo-os, por semelhanças temáticas e críticas, em quatro grupos. Para não me delongar mais, apresento explicações apenas das angulações que, a meu ver, são opacas:

- 1) *Indefinição de subuniversos* – “(...) setores sociais em que a sociedade possa ser apreendida e constituída de forma suficientemente estável para viabilizar comutações eficientes” (BRAGA, 2006, p.11) / *dificuldades de percepção dos papéis sociais*.

Ora, estaria a mediação “completa” no instante em que ela ocasionasse a formalização de papéis, numa contrapartida sociocultural às dinâmicas próprias dos trânsitos da pós-modernidade? Não estaria Braga entrevedo para o tempo presente um horizonte de estabilidade social típico a outra época que não a contemporaneidade? Além disso, o propósito de definir subuniversos não atenderia mais às expectativas por comutações teorizáveis que, necessariamente, à ordem prática do cotidiano? Afinal, nas interações correntes da vida, através de inúmeros *processos tentativos* (BRAGA, 2012), as relações comunicativas não viabilizam uma maneira de se fazerem eficientes?

- 2) *Ausência de claras articulações de subsunção* – articulações não desenvolvidas (de forma sólida) entre as interações mediadas, a cultura escrita e a presencialidade / *lacunas no processo de legitimação*.

Nesse ponto, minhas perspectivas aproximam-se da argumentação de Braga, sobretudo no sentido destacar o desconforto operante entre a coexistência dos processos interacionais supracitados. Reitero apenas a discordância quanto à retórica finalista que prevê um estado de coesão social no qual as interações seriam, idealmente, pautadas pela previsibilidade do domínio sociotécnico total, como se fosse possível a projeção evolutiva de um “estágio” da mediação no qual um suposto *ethos* ou *habitus* nos blindaria contra os constrangimentos da experimentação do novo.

- 3) *A mediação não gerou ainda modos sustentáveis, relevantes, flexíveis, produtivos e generalizados de socialização*.

Nesse ponto, Braga desenvolve uma análise pautada pela inexistência de um processo educacional que gramatize as interações midiaticizadas, ocasionando assim uma *insuficiência de 'competências sociais'* (BRAGA, 2006, p.14) quanto ao manejo dos correlatos processos. Retomo aqui a crítica quanto à impropriedade da utilização de outras lógicas – não relativas à midiaticização – para leitura de fenômenos dessa natureza: afinal, essa aprendizagem formal, uma espécie de educação para as mídias, diz mais de um modelo escolar de alfabetização (lógica da cultura escrita) que, necessariamente, do modo experimental, de ensaio e erro, que caracteriza a relação de usos e consumo midiaticizado.

4) *Problemas de retorno, circulação e de resposta social.*

Nessa última angulação, Braga problematiza a insuficiência de mecanismos que, dentre a difusão e o diferimento interacional, garantam um sistema de resposta social (ideia que vem sendo desenvolvida pelo autor a partir da sondagem dos dispositivos interacionais). Nesse caso, a insuficiência desse retorno é apontada pelo teórico como evidência da incompletude do processo, o que, a meu ver, merece algumas relativizações: afinal, não seria a potência (técnica e sociocultural) das interações midiaticizadas instauradora de uma dinâmica inédita de retorno, circulação e resposta social? Se tais interações são diferidas no tempo e no espaço, parece-me que é justamente na sociedade midiaticizada que o motor dessa engrenagem intensificou seu ritmo de operação, deixando a nu, como destaca Fausto Neto (2009), o funcionamento dos dispositivos circulatórios dos discursos.

A partir desses questionamentos, volto agora à questão da concepção interacional ampla de Braga, definida nas páginas anteriores. Tal teorização corresponde a uma das contribuições mais sólidas do teórico para os estudos dos fenômenos midiaticizados, sobretudo pela superação da mácula ensejada pelo suposto negativismo das mediações técnicas. Nesse sentido, a propositura de um modelo que, diferentemente daquele defendido por Thompson não prevê um estatuto de idealidade às experiências conversacionais (alternadas e recíprocas), revela-se um avanço diante do reconhecimento da assunção de outra práxis comunicacional, acionadora de processos distintos que merecem ser analisados em si.

Porém, como o objetivo aqui não é reforçar as qualidades que fazem das teorias de Braga uma referência digna de reflexão, mas sim, questioná-las em seus possíveis devires, aponto um incômodo que, há muito, acompanha minhas reflexões sobre a já citada dualidade entre as concepções interacionais de Braga e Thompson.

Apesar das lógicas próprias que distinguem o presencial e o mediado, o face-a-face e o midiaticizado, será que Thompson estaria tão equivocado ao conferir certo privilégio às situações interacionais de copresença, gestadas pela possibilidade factível do retorno e pela conformação evidente de um processo dialógico (por ventura, deliberativo)? Além do caráter diferido e difuso apontado por Braga, não estaríamos hoje imersos em uma cultura de convergência e participação midiaticizada que busca a promoção de experiências interativas que sincronizem tempos e espaços cada vez mais fragmentados, reconstituindo, via meios, o elo atávico da vivência corpórea e local? Não seriam os dispositivos interacionais sintomáticos dessa tendência?

Quando passamos de um sistema diferido de trocas via cartas para um nível de sofisticação tecnológica que, por recursos digitais, reproduz/transmite imagens e som, em tempo real, interconectando diversos lugares do globo, nota-se uma tentativa de resgate ou recomposição da experiência sensível da copresença. Outro exemplo: quantos aplicativos são criados para permitir formas de interação que avancem da plataforma *online* para a dimensão háptica da presencialidade? E ainda, o sucesso das narrativas 3D, dos *reality shows*, da simulação lúdica (*videogames*, RPG, *Second Life*...) não apontam para um uso das mídias e uma cultura de consumo midiático no qual a vivência virtualizada busca reproduzir uma situação tida como real?

Considerações Finais

Como consideração final, registro, primeiramente, que o capital teórico construído pelo grupo na prospecção do conceito de *interações midiaticizadas* não se reduziu, conforme implícito, às contribuições de José Luiz Braga. Outros autores foram acionados nesse processo, como Ciro Marcondes Filho, Vera França, Lucrécia Ferrara, Eric Landowski, Ana Cláudia de Oliveira, Antônio Fausto Neto, Muniz Sobre, Martín-Barbero e John B. Thompson. Por essa consideração, relativiza-se o destaque atribuído à Braga no interior desta argumentação, ainda que, dentre esses autores, o teórico assumira um papel diferenciado quanto ao agenciamento de estudos sobre a temática eleita como objeto da metapesquisa; afinal, poucos são os pesquisadores que assumiram, com tamanho vigor e, nos últimos anos, com quase exclusividade, as questões da midiaticização como ponto central de suas reflexões.

Posto isto, traço algumas observações que, a partir deste artigo, podem ser avaliadas em vista da implementação da segunda fase da metapesquisa. Pontuo ainda que, a partir de 2014, o grupo trabalhará, de forma sistemática, na divulgação dos resultados, apontamentos e perspectivas resultantes deste processo investigativo.

- (1) Buscar uma análise que não repita a estratégia das tipologias, isto é, agrupamentos de artigos a partir de indicadores quantificáveis. Como resultado parcial da primeira fase, vamos tratar os dados e informações coletados (com a ajuda do programa NVIVO), para assim, formalizar alguns resultados relativos a um contexto panorâmico. Na segunda etapa do projeto, valeria investir no aprofundamento/qualificação de perspectivas trabalhadas no âmbito da autoria, da personalidade, mais do que no diagnóstico das tendências.
- (2) Desses resultados parciais, e outras discussões teórico-metodológicas, serão extraídos os operadores capazes de atuar na segunda fase da metapesquisa, que deverão ser produzidos a partir das especificidades do objeto e em consonância ao percurso investigativo traçado pelo grupo.
- (3) As discussões teórico-metodológicas devem buscar superar a simplicidade do dualismo Thompson x Braga visando o reconhecimento de outras possibilidades de entendimento interacional.
- (4) Formar um segundo *corpus* de artigos analisados. Dentre os artigos lidos, foram selecionados 217 artigos, o que ainda constitui uma amostragem bastante extensa. Sugiro que os artigos enquadrados (em qualquer um dos parâmetros) sejam utilizados dentro das análises quantitativas (primeira fase), mas que, para uma abordagem vertical, acione-se um número inferior de trabalhos (provavelmente aqueles enquadrados no parâmetro 1 e uma parte selecionada dos trabalhos de parâmetro 2).

Referências Bibliográficas

- BRAGA, José Luiz. Interação e Recepção. Trabalho apresentado ao GT Mídia e Recepção. In: **Encontro da Compós**, IX, em Porto Alegre/RS, 2000.
- BRAGA, José Luiz. Aprendizado versus Educação na Sociedade Mediatizada. Trabalho apresentado ao GT Comunicação e Sociabilidade. In: **Encontro da Compós**, X, em Brasília/DF, em 2001.

- BRAGA, José Luiz. Sobre “Mediatização” como Processo Interacional de Referência. Trabalho apresentado ao GT Comunicação e Sociabilidade. In: **Encontro da Compós**, XV, Bauru/SP, 2006.
- BRAGA, José Luiz. Interação como Contexto da Comunicação. Trabalho apresentado ao GT Epistemologia da Comunicação. In: **Encontro da Compós**, XXI, Juiz de Fora/MG, 2012.
- FRAGOSO, Suely. De Interações e Interatividade. Trabalho apresentado ao GT Tecnologias Informacionais de Comunicação e Sociedade. In: **Encontro da Compós**, X, Bauru/SP, 2001.
- MATTOS, Ângela; VILLAÇA, Ricardo. Aportes para uma Nova Visada da Metapesquisa em Comunicação. Trabalho apresentado ao GT Práticas Interacionais e Linguagens na Comunicação. In: **Encontro da Compós**, XX, Porto Alegre/RS, 2011.
- MATTOS, Ângela; VILLAÇA, Ricardo. Interações mediatizadas: desafios e perspectivas para a construção de um capital teórico. São Paulo: **Comunicação Midiática**, v. 7, n. 1, p. 22-39, 2012.
- LANDOWSKI, Eric. Da interação entre Comunicação e Semiótica. In: PRIMO, Alex et all.(Orgs.). **Comunicação e Interações**. Livro da Compós. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- NETO, Antônio Fausto. Olhares sobre a recepção através das bordas da circulação. Trabalho apresentado ao GT Recepção, Usos e Consumo Midiático. In: **Encontro da Compós XVIII**, na PUC-MG, Belo Horizonte, 2009.
- SILVA, Marco. Interatividade: Uma Mudança Fundamental do Esquema Clássico da Comunicação. Trabalho apresentado ao GT Tecnologias Informacionais de Comunicação e Sociedade. In: **Encontro da Compós**, IX, Porto Alegre/RS, 2000.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2002.
- THOMPSON, John B. A nova visibilidade. In: **Revista Matrizes (USP)**, n.2. São Paulo, 2008.
-